

**“POR UMA GEOGRAFIA DO
MOVIMENTO”: REFLEXÕES SOBRE AS
PRÁTICAS DE TURISMO DURANTE A
PANDEMIA DE COVID-19 NO ESTADO DE
SÃO PAULO**

Rita de Cássia Ariza da Cruz 

Docente do Departamento de Geografia da FFLCH/USP
Contato: ritacruz@usp.br

Isabella Maria Beil  

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da
FFLCH/USP
Contato: isabellabeil@usp.br

Daniel Renzo Barretti 

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da
FFLCH/USP
Contato: barrettidaniel@usp.br

Thiago Allis  

Docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH/USP
Contato: thiagoallis@usp.br

Como citar: CRUZ, R. C. A.; BEIL, I. M.; BARRETTI, D. R.; ALLIS, T. “Por uma geografia do movimento”: reflexões sobre as práticas de turismo durante a pandemia de Covid-19 no estado de São Paulo. **Formação (Online)**, v. 29, n. 55 - Dossiê, p. 79-101, 2022.

Recebido: 08/08/2021

Aceito: 17/01/2022

Data de publicação: 20/05/2022

Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir as formas e a natureza do turismo durante a pandemia da Covid-19, tendo por referência empírica o estado de São Paulo. Para tanto, foram consideradas pesquisas bibliográficas na literatura nacional e internacional sobre turismo e pandemia, levantamento na mídia de grande circulação sobre as narrativas de turismo durante o período e uso dos dados apurados entre 2020 e 2021, pelo Grupo de Pesquisa Turismo em Tempos de Pandemia: uma Análise Multi e Trans-Escalar sob a liderança da Universidade de São Paulo. Partimos da hipótese de que há nuances das práticas turísticas atuais que se ajustam aos tempos pandêmicos – inclusive pelas restrições à mobilidade impostas por protocolos sanitários – tais como a redução dos deslocamentos aéreos e consequentemente das viagens de longa distância ou ainda a prevalência motivacional relacionada ao descanso em detrimento da ânsia pelo desconhecido e pela descoberta de novos lugares, mas, por outro lado, outras continuam operando um padrão conhecido pré-pandemia e as viagens a lazer, para aqueles que detinham as condições sociais de fazerem, continuaram a acontecer. Isso permite pensar sobre os sentidos – imaginados, desejados e reais – das manifestações do chamado “turismo de pandemia”, pondo em discussão posturas de viajantes, narrativas publicamente construídas e a partir disso, eventuais desdobramentos na prática do turismo.

Palavras-chave: Pandemia de Covid-19. Mobilidades turísticas. Estado de São Paulo.

“A GEOGRAPHY OF MOVEMENT”: THOUGHTS ON THE PRACTICES OF TOURISM DURING THE COVID-19 PANDEMIC IN THE STATE OF SÃO PAULO

Abstract

This article aims to discuss forms and nature of tourism during the Covid-19 pandemic with empirical reference to the state of São Paulo. To this end bibliographic research on national and international literature on tourism and pandemic, were taken among with large-circulation media survey on tourism narratives over the period, and use of the collected data between 2020 and 2021 by the Tourism Research Group in Times of Pandemic: a Multi and Trans-Scale Analysis under the lead of the University of São Paulo. We assume that there are nuances of current tourism practice that fit pandemic times – including by the restrictions on mobility imposed by sanitary protocols - such as reducing air travel and consequently long-distance travel or the motivational prevalence related to rest at the expense of the yearning for the unknown and for discovering new places. However, on the other hand, others remain operating a well-known pre-pandemic pattern and leisure travels for those in the social conditions to do so have also continued to happen. This allows us to think about the meanings - imagined, desired and real - of the so-called "pandemic tourism" demonstrations discussing travelers' stances, publicly constructed narratives and from there, possible developments in the practice of tourism.

Keywords: Covid-19 pandemic. Tourist mobility. São Paulo State.

«POUR UNE GÉOGRAPHIE DU MOUVEMENT»: RÉFLEXIONS SUR LES PRATIQUES TOURISTIQUES PENDANT LA PANDÉMIE DANS L'ÉTAT DE SÃO PAULO

Resumé

Cet article vise à discuter des formes et de la nature du tourisme pendant la pandémie de Covid-19, en ayant comme référence empirique l'État de São Paulo. Pour cela, nous nous sommes basés sur une recherche bibliographique dans la littérature nationale et internationale sur le tourisme et la pandémie, sur la collecte d'informations dans les médias de grande circulation sur les récits du tourisme au cours de la période et également sur l'utilisation des données recueillies entre 2020 et 2021, par le Groupe de Recherche Tourisme en temps de pandémie : une analyse Multi et Transcalaire sous la direction de l'Université de São Paulo. Nous partons de l'hypothèse qu'il existe des nuances dans les pratiques touristiques actuelles qui s'adaptent à la période de pandémie - y compris en termes des restrictions de mobilité imposées par les protocoles sanitaires - comme la réduction des voyages en avion et par conséquent des voyages de longue distance ou encore la prévalence motivationnelle liée au repos au détriment de la soif d'inconnu et de la découverte de nouveaux lieux, mais, d'autre part, d'autres continuent à fonctionner selon un schéma pré-pandémique connu et les voyages de loisirs, pour ceux qui réunissent les conditions sociales pour le faire, ont continué à se produire. Cela nous permet de réfléchir au sujet des significations - imaginées, souhaitées et réelles - des manifestations de ce que l'on appelle le "tourisme pandémique", en mettant en discussion les

attitudes des voyageurs, les récits construits publiquement et, à partir de là, les développements possibles dans la pratique du tourisme.

Mots-clé : Pandémie de Covid-19. Mobilités touristiques. État de São Paulo.

INTRODUÇÃO

Parafraseamos Milton Santos e Maria Laura Silveira (2001) no título deste artigo, mesmo título do capítulo VII do livro “Brasil: território e sociedade no início do século XXI”, para tratar de dois fenômenos que se encontram no tempo e pelos espaços do século XXI: a pandemia de Covid-19 e o turismo. No referido capítulo, os autores remetem principalmente aos fluxos produtores e produto de divisões do trabalho e de demandas do setor produtivo, que teriam se tornado “mais intensos, mais extensos e mais seletivos” (ibid, p. 167), mas a “geografia do movimento” a que nos referimos reclama uma abordagem para além dos intrínsecos aspectos econômicos envolvidos.

O turismo, prática social e atividade econômica, que tem o deslocamento de pessoas pelo território como pressuposto, foi extensa e profundamente impactada pela crise sanitária da pandemia de Covid-19. Apesar disso, o movimento de turistas pelos territórios não desapareceu completamente, nem no Brasil, nem no mundo, revelando geografias sobre as quais trataremos neste texto a partir do estudo de caso do estado de São Paulo.

Trazendo a análise para o Brasil, enquanto caiu drasticamente o movimento de aeronaves e de passageiros nos aeroportos em geral, os fluxos de automóveis pelas estradas que ligam a Região Metropolitana de São Paulo à Baixada Santista, por exemplo, embora também sensivelmente reduzidos em vários momentos desde o reconhecimento formal da pandemia, foram menos afetados no comparativo entre os anos de 2019 e 2020.

Ao tempo em que, durante longos feriados promovidos para manter as pessoas em casa a metrópole se “esvaziava”, cidades litorâneas viviam o paradoxo de praias cheias (em momentos de maior flexibilização das normas de restrição à circulação) e de segundas-residências, agora permanentemente habitadas.

A condição mutante ou flexibilidade de identidades móveis está, em parte, na raiz da explicação deste fenômeno, afinal, ter o privilégio de “fazer a quarentena” fora dos epicentros da pandemia é algo ensejado por um conjunto de marcadores desigualmente distribuídos pela população nacional (que incluem a possibilidade de trabalhar de casa, a propriedade de uma segunda residência, uma conformação familiar condizente com estes movimentos, entre outros). Neste sentido, a condição de turista oscila, em muitos casos e ao sabor das

circunstâncias, para a de morador, permitida pela comprovação de uma residência em locais-alvo para escapar aos perigos sanitários das maiores aglomerações urbanas.

Estas e outras questões ganham espaço dentro dos estudos de mobilidades turísticas (SHELLER; URRY, 2004; HANAMM et al., 2014; COLES, 2015; HALL, 2015; ALLIS et al., 2020), em que pesem análises que extrapolam o estudo do simples mover-se fisicamente, ao mesmo tempo em que desvela outros sentidos e dimensões das práticas turísticas, social e espacialmente construídas – por exemplo, relações de poder, usos desiguais de recursos, práticas socialmente diversas, formação e transformação de identidades dos viajantes, entre outros. Paralelamente, são também reveladoras de uma geografia do consumo, umbilicalmente ligada aos níveis de renda e de acesso a crédito por parte da população. Tratando-se de rendimento per capita, por exemplo, o estado de São Paulo tem o segundo melhor índice do país (R\$ 1814,00), atrás apenas do Distrito Federal (R\$ 2475,00) (IBGE, 2020).

Neste cenário, o impacto da pandemia no setor de turismo foi e segue sendo duramente sentido, acompanhando as quedas no movimento da economia, decorrentes da disrupção nos fluxos econômico-financeiros provocada pela crise. Então, elabora-se um conjunto de medidas, acrescidas da emergência de narrativas que teatralizam os protocolos supostamente suficientes para conter a propagação do vírus durante atividades turísticas, entre os altos e baixos das estatísticas de infecções e mortes causadas durante a pandemia.

No desenrolar da crise, o movimento entre admissões e demissões de trabalhadores em geral e nas Atividades Características do Turismo (ACTs), especificamente, é a expressão clara de que, na tensão dialética entre movimento e imobilidade, a classe trabalhadora é o elo mais fragilizado da corrente. Enquanto, em 2019, o setor do turismo concluiu o ano com um saldo positivo de 50 mil novos postos de trabalho formais, no final de 2020 já se estimava uma perda em torno de 115 mil empregos nas ACTs no estado (SÃO PAULO, 2020a).

Vale lembrar que São Paulo é o estado mais populoso e rico do país, sendo parte da região formada por todos os estados do Sudeste e do Sul, que Santos e Silveira chamaram de “região concentrada”, aquela que “caracteriza-se pela implantação mais consolidada dos dados da ciência, da técnica e da informação” (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 269). Entre outras características, essa região abriga a maior proporção – relativamente a outras regiões brasileiras – de zonas de densidades de coisas, de objetos e de pessoas, formando espaços fluídos, da rapidez e luminosos.

Não por acaso, mas em decorrência de uma convergência de fatores históricos, sociais, políticos e econômicos, o movimento “das coisas, dos homens, das informações, do dinheiro e também [das] ações” (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 260) é mais intenso nessa região, o que

pode sugerir uma recuperação econômica mais rápida e mais robusta em relação a outras unidades da federação. Isso, somente o tempo poderá revelar; por ora, cabe-nos entender processos em curso, na expectativa de projetar o que poderia ser o turismo no chamado “pós-pandemia”.

METODOLOGIA

As análises que se seguirão resultam, primeiramente, de uma revisão da literatura sobre o turismo, sobre a pandemia de Covid-19 e sobre a relação entre turismo e pandemia. Inclui-se na metodologia o levantamento e análise de matérias veiculadas na mídia de grande circulação sobre viagens realizadas durante o ano de 2020 e no primeiro semestre de 2021. Com isso, espera-se identificar a construção de uma narrativa sobre a natureza do turismo na pandemia, sendo ele produto ou origem das práticas observadas, algo que será cotejado com a realidade paulista, a partir de resultados da enquete feita no âmbito do grupo de pesquisa Turismo em Tempos de Pandemia: uma Análise Multi e Trans-Escalar.

Em que pese o volume de dados coletados entre moradores do estado de São Paulo, esta enquete alcançou 740 respondentes, garantindo um nível de confiabilidade de 95% e erro amostral de 3,6%, cujos conteúdos foram selecionados para debater aspectos do turismo em São Paulo, são eles: locais e frequência de viagem, tipo de hospedagem utilizada e meio de transporte empregado.

Como anteparo de referência, foram levantadas informações da Pesquisa Nacional por Domicílios (PNAD) no quesito turismo, realizada em 2019, especialmente sobre viajantes e domicílios do estado de São Paulo. Buscou-se criar um comparativo entre práticas turísticas pré-pandêmicas e aquelas observadas no contexto atual.

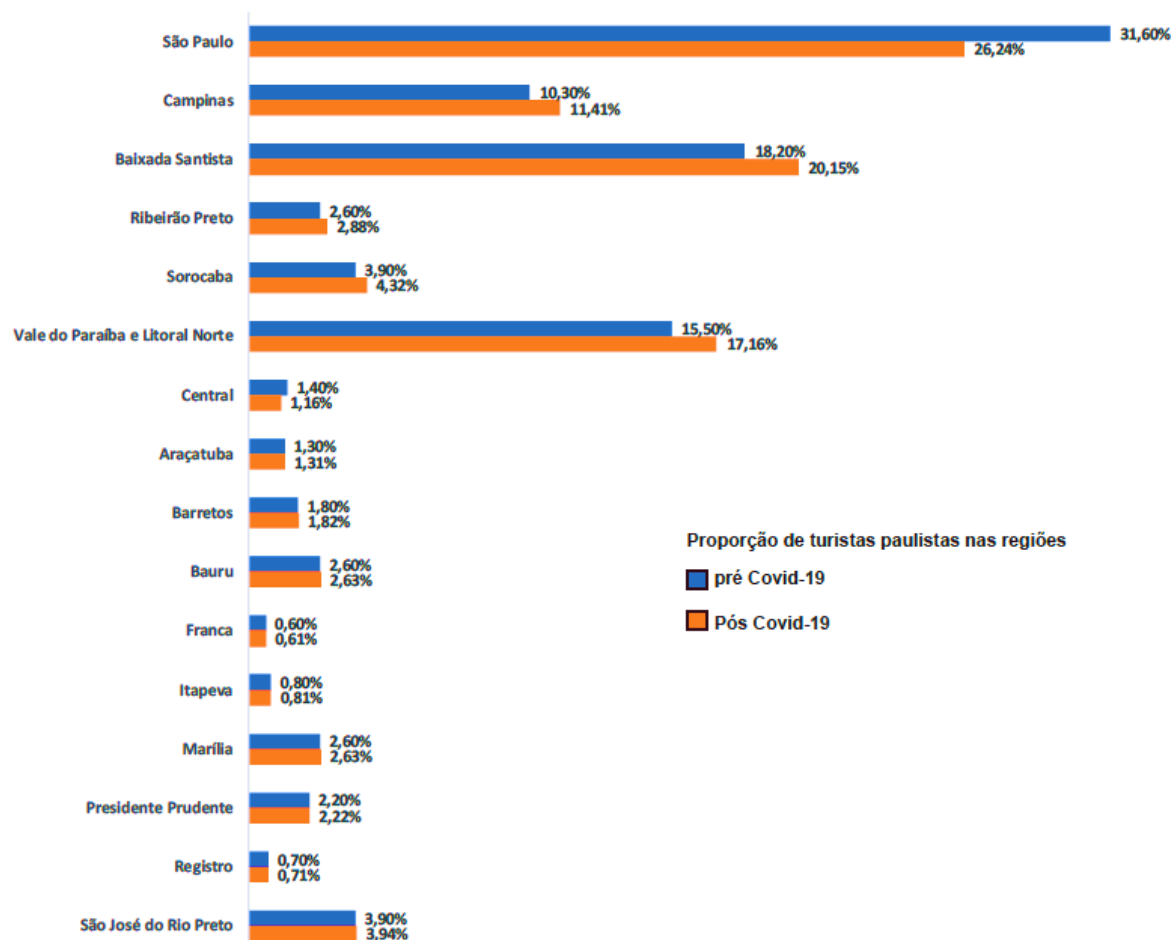
Combinando três tipos de fontes (secundárias e primárias), espera-se contribuir para o debate sobre as práticas turísticas numa perspectiva geográfica, fazendo pontes disciplinares com outras áreas por meio do campo das mobilidades, que se ancora nas ciências sociais predominantemente, mas que está intrinsecamente estruturado em debates de natureza espacial. Observar suas manifestações no presente – neste caso, pelo recorte do estado de São Paulo, o mais populoso e o principal emissor de turistas do Brasil (IBGE/MTur, 2019), pode ser um exercício produtivo no sentido de entender realidades presentes e projetar, com alguma acurácia, cenários futuros.

COVID-19 E TURISMO NO ESTADO DE SÃO PAULO

O estado de São Paulo tem 70 estâncias reconhecidas como turísticas e outros 142 municípios considerados de interesse turístico (22% do total de municípios do estado), tendo uma posição de destaque a capital, principal emissor e receptor de turistas do país, seguida pela Baixada Santista, segundo polo regional receptor de turistas do estado e pelo Vale do Paraíba e Litoral Norte, conforme cenários considerados pelo Centro de Inteligência da Economia do Turismo (CIET) (SÃO PAULO, 2020b), retratados no Gráfico 1 a seguir.

De acordo com as informações (Gráfico 1), há uma expectativa de retomada segundo a qual a capital paulista perderia em parte e talvez temporariamente sua centralidade na geografia do movimento turístico no estado, mediante um possível e esperado aumento relativo nos fluxos em direção às regiões costeiras da Baixada Santista e do Litoral Norte, assim como de destinos ao interior como Vale do Paraíba e Campinas, principalmente, internacional e nacionalmente, ou seja, de uma tendência de fortalecimento do turismo doméstico e de proximidade.

Gráfico 1 - Cenários pré e pós-pandemia: presença de turistas nas regiões do estado de São Paulo



Fonte: CIET (2020).

Ressalte-se que este resultado espacial decorreria de uma convergência de fatores, entre os quais se destacam: a impossibilidade momentânea de realização de viagens internacionais; a perda de renda por parte da classe média em geral; e a produção de novas representações sociais sobre o turismo de proximidade.

No que concerne à movimentação econômico-financeira, de acordo com os dados do CIET (SÃO PAULO, 2020b), o Produto Interno Bruto (PIB) do setor no estado teria sido de mais de 220 bilhões de reais no ano de 2019 e, em balanço prévio, o mesmo centro estimou uma perda, em 2020, de cerca de 20,9% em relação ao ano anterior, ou seja, cerca de 45 bilhões de reais. Considerando-se apenas a cidade de São Paulo, principal polo emissor e receptor de turistas do estado, os dados convergem no sentido de revelar o forte impacto da pandemia sobre os fluxos de turistas para a capital e, conseqüentemente, sobre diferentes fluxos de distintas naturezas dependentes do primeiro.

O balanço para o ano de 2020 revela que, considerando-se Congonhas, Cumbica e Viracopos, aeroportos que não servem apenas a capital, houve redução de 46,2% no movimento de aeronaves, com diminuição de 41,5 milhões de passageiros, ou seja, uma queda de 55% em comparação ao ano anterior de 2019 (SÃO PAULO, 2021).

No transporte comercial rodoviário não foi diferente, houve registros de queda de 51,9% nos desembarques nos terminais rodoviários paulistas e menos 50,2% nos fluxos de ônibus. Em contrapartida, um relatório integrado da empresa concessionária ECOVIAS, responsável, entre outras estradas no Brasil, pelo Sistema Anchieta-Imigrantes, principal acesso rodoviário à Baixada Santista e Rodovia Ayrton Senna, aponta diminuição de apenas 11,4% na circulação de veículos leves por suas praças de pedágios localizadas nessas estradas, no comparativo entre 2020 e 2019.

Abarcando todo o estado, com base em dados da Agência de Transporte do Estado de São Paulo (ARTESP), o Centro Integrado de Emprego, Trabalho e Renda (CIET) (2020a) estima que a movimentação nas estradas paulistas, considerando todos os tipos de veículos, tenha ficado entre 75% e 80% do volume do ano anterior. Esses dados, da ECOVIAS e da ARTESP, são sugestivos de perdas relativamente brandas nos fluxos rodoviários comparativamente aos fluxos aéreos, no interior dos quais encontram-se os fluxos turísticos, mesmo durante um ano quase integralmente marcado por uma pandemia.

No interior dessa tensão dialética entre movimento e imobilidade, um dos efeitos mais críticos da pandemia sobre o setor é o desemprego de milhares de trabalhadores. Com base em dados do Cadastro Geral de Emprego e Desemprego do Ministério do Trabalho (CAGED), o

CIET calculou uma perda de 143 mil postos de trabalho formais em todo o estado até o mês de outubro de 2020 (SÃO PAULO, 2020a).

Tratando-se apenas da capital, além das demissões, consideradas inevitáveis, 34,5% dos estabelecimentos prestadores de serviços de hospedagem localizados na cidade de São Paulo teriam adotado medidas como a suspensão temporária de contrato de trabalho, a atribuição de férias aos empregados e/ou a redução de jornadas e salários, como aponta estudo realizado pelo Observatório de Turismo (SÃO PAULO, 2021). Além disso, o estudo aponta que 90% dos estabelecimentos não efetuaram recontrações ou novas contratações, mesmo após a flexibilização do Plano São Paulo¹. Esses dados e informações reforçam a afirmação contida na introdução deste artigo de que a classe trabalhadora é o elo mais frágil dessa corrente. Como afirmara Antunes (2020) ainda nos primeiros meses da crise:

A pandemia do capital tratou de demonstrar sua impostura: “colaboradores” estão sendo demitidos aos milhares, “parceiros” estão podendo optar entre reduzir os salários ou conhecer o desemprego e os pequenos empreendedores não encontram consumidores e veem sua renda se esvanecer.

Historicamente precarizados, trabalhadores do setor turismo enfrentam a real possibilidade de uma piora nas condições de trabalho diante do desemprego que pressiona salários para baixo e do enxugamento nos quadros de funcionários que eleva a pressão por produtividade sobre aqueles que permanecerem formalmente empregados no setor.

TURISMO NA PANDEMIA: UMA NARRATIVA EM CONSTRUÇÃO

No início de 2020, com a confirmação da transmissão da Covid-19 entre humanos, foi reconhecida a necessidade de controlar os fluxos e a mobilidade de pessoas, uma vez que estes constituem vetores propagadores do vírus nas variadas escalas. Um mês após a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar situação de pandemia (BBC NEWS, 2020), o secretário-geral da Organização Mundial do Turismo (OMT) afirmou, em abril de 2020, que “a Covid-19 teve um impacto nas viagens como nenhum outro evento da história” (ONU NEWS, 2020).

Concomitantemente a essa percepção, começaram a emergir análises preliminares e hipóteses veiculadas pela mídia e produzidas por estudiosos sobre o tema, sobre quais seriam as reais implicações e suas dimensões para o turismo, as maneiras de atenuar esses impactos,

¹ O Plano São Paulo foi uma estratégia adotada em maio de 2020 pelo governo do estado para o enfrentamento da crise de Covid-19, baseada na formação de uma equipe de especialistas de diferentes áreas, os quais orientaram as ações tomadas pelo governo. Para maiores detalhes, consultar: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/planosp/>>.

as possíveis transformações imperiosas e desejáveis para o setor e as perspectivas de retomada das atividades.

De acordo com Gössling, Scott e Hall (2020), a pandemia da Covid-19 deveria levar a uma reconsideração crítica do modelo de turismo construído historicamente, no qual o “sucesso” se define pelo constante aumento do fluxo turístico e circulação monetária resultante. Nesse sentido, os autores apontam a necessidade de repensar o modo como a atividade se assenta na atualidade, alinhando-a com os valores da sustentabilidade previstos pelos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), conforme apresentados pela Organização das Nações Unidas para a Educação e Cultura (UNESCO).

Do mesmo modo, Ioannides e Gyimóthy (2020) afirmam que a situação sem precedentes exposta pelo novo coronavírus teria apresentado um caminho com duas possibilidades: a recuperação do setor turístico de acordo com a tradicional orientação do crescimento insustentável – ponto de vista que pode ser parcialmente justificado pelo histórico de crises anteriores –, ou um caminho alternativo, que, no entanto, implicaria uma profunda mudança na maneira de fazer as coisas.

A perspectiva da transformação do turismo em uma versão mais sustentável foi fortemente adotada pela mídia e se destacou como uma das narrativas pioneiras. Em um momento inicial de enorme restrição das mobilidades, as notícias sobre as diminuições nas emissões de carbono registradas por imagens de satélites sobre alguns países como a China (RATHI; HODGES, 2020), a Itália (SMART ENERGY INTERNATIONAL, 2020) e a Índia (MYLLYVIRTA; DAHIYA, 2020) despertaram uma importante reflexão sobre os impactos da ação humana no planeta, incluindo os hábitos e comportamentos relacionados ao turismo. As imagens das águas claras e límpidas nos canais de Veneza, destino turístico mundialmente conhecido na Itália, que vem sofrendo com o *overtourism*² há anos (MILANO, 2017), também fortaleceram essa perspectiva – embora a baixa turbidez não seja sinônimo de melhoria na qualidade da água (JACOBO, 2020).

Ao mesmo tempo, passaram a ser veiculadas notícias e reportagens sobre quais deveriam ser os eixos centrais do turismo pós-pandemia, com destaque para o “turismo de proximidade”, turismo doméstico e grande utilização do setor rodoviário, principalmente de

² Overtourism é um neologismo que se refere à grande quantidade de turistas visitando uma localidade ao mesmo tempo, por vezes para além de medidas de saturação, com sobreuso dos recursos disponíveis e desdobramentos indesejados para os habitantes desses lugares. Em resumo, pode-se assumir que “overtourism é, entre outras coisas, a aceleração e o crescimento da oferta e da demanda turística, o uso dos recursos ecológicos das destinações, a destruição de suas atrações culturais e os impactos negativos nos seus contextos econômicos e sociais” (MIHALIC, 2020).

veículos particulares, em detrimento das viagens aéreas. Uma reportagem de 27 de abril de 2020, intitulada “Como será possível viajar no pós-pandemia?”, aponta uma grande reviravolta nos hábitos de viagens e a predominância de viagens curtas e domésticas (COHEN, 2020). No dia 15 de junho do mesmo ano, um artigo publicado pelo Estado de São Paulo (2020) reforçava essa previsão, indicando a mobilização de atores do *trade* turístico para criar pacotes que melhor contemplassem esses aspectos. Outros veículos midiáticos esboçaram discurso semelhante.

Apesar de grande parte dessa narrativa se referir ao horizonte “pós-pandemia”, em meados de 2020 o discurso político e midiático já aludia à retomada do turismo no momento presente. Conforme declaração do secretário-geral da OMT, Zurab Pololikashvili, em junho do mesmo ano, dadas as ameaças aos empregos e às economias do mundo “é vital que o reinício do turismo seja prioridade e seja administrado de maneira responsável, protegendo os mais vulneráveis e tendo a saúde e a segurança como a principal preocupação do setor” (EL PAÍS, 2020).

Em julho, o chefe do Programa de Emergências da OMS, Mike Ryan, afirmava: “Será quase impossível para países manter suas fronteiras fechadas em um futuro previsível. As economias têm que se abrir, as pessoas têm que trabalhar, o comércio tem que recomeçar” (SHIELDS; NEBEHAY, 2020).

Também no Brasil, as mensagens sobre a retomada da economia ganharam força e no dia 4 de junho de 2020, o Ministério do Turismo lançou o selo “Turismo Responsável – limpo e seguro”. O selo foi adotado como incentivo para que os indivíduos sintam mais segurança ao viajar e ao frequentar estabelecimentos que o detenham (BRASIL, 2020).

Desse modo, houve o avanço de discursos contraditórios: ao mesmo tempo em que ainda era premente o distanciamento social e que a quarentena se aplicava a boa parte do território brasileiro, as mensagens sobre a retomada da economia se ampliavam. Os anseios por viajar, aliados às condições de reabertura e flexibilização sob o mote do “turismo seguro”, possibilitaram que a demanda turística reprimida se expressasse com maior vigor. Especificamente no que se refere à cidade de São Paulo e à Baixada Santista, essa situação foi claramente evidenciada, com características peculiares, devido às relações historicamente construídas entre essas duas porções do território paulista – conforme apresentado e discutido por Carneiro e Allis (2021) e Allis et al. (2020).

Essas “simultaneidades temporais”, que mesclaram o momento atual com o que seria o pós-Covid-19, revelaram, portanto, que o retorno das mobilidades turísticas vem ocorrendo desde meados de 2020, em diferentes medidas em cada lugar, a despeito da continuidade da pandemia e do aumento no número de infecções e vítimas.

Vai se criando, gradativamente, uma narrativa de um “turismo pandêmico”: um tipo de turismo que, supostamente, se distingue do turismo pré-Covid-19, implicando mudanças em relação aos principais destinos escolhidos, aos meios de transportes utilizados e ao comportamento do turista. Assim, o “turismo pandêmico” teria se assentado sobre deslocamentos de proximidade, uso de veículos particulares e obediência às normas sanitárias.

Esse discurso segue sendo predominante nas divulgações da mídia, com o surgimento de termos e suas práticas relacionadas, tais como “turismo de isolamento”, *extended ways* (viagens com maior tempo de duração) (UOL, 2020), *staycation* (viagens para locais próximos da própria cidade do turista, ou arredores) (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2020) e *workcation* (prática de viajar, mas permanecer em home office no destino) (MAIA, 2021).

Outro termo que vem se destacando é o *wellness tourism*, a junção entre as práticas de turismo associadas ao bem-estar (RUBINSTEIN, 2020). Embora não seja uma atividade nova e tenha vivenciado uma considerável expansão nos últimos anos, a pandemia parece ter incentivado o avanço do *wellness tourism* em um momento de grande piora da saúde mental (CALLIARI; JUNQUEIRA, 2021).

Ressalta-se que esse é um nicho frequentemente vinculado ao consumo de luxo, no qual o Brasil se destaca mundialmente como um dos países que menos sofreu retração econômica durante a pandemia (DINIZ, 2021). Em dezembro de 2020, a CVC, a maior operadora turística do país, lançou a linha CVC Boutique, voltada para viagens de luxo dentro do Brasil (CVC, 2020). De acordo com o CEO da empresa, Leonel Andrade, a iniciativa tem como objetivo atrair o brasileiro que comumente viajava ao exterior (VIEIRA, 2020).

É importante apontar que, em nível nacional, o aumento do setor de luxo ocorreu concomitantemente à perda de boa parte da renda para milhões de brasileiros. Um estudo efetuado pelo Centro de Pesquisa em Macroeconomia das Desigualdades, da Faculdade de Economia da USP, revelou que tanto a pobreza quanto a extrema pobreza aumentaram no Brasil em relação ao cenário anterior à 2020 (ROUBICEK, 2021). Esse fato, em conjunção com os desdobramentos das mobilidades turísticas observadas, nos leva à percepção de que, se a atividade turística é historicamente uma prática excludente, a ocorrência do “turismo pandêmico” parece reforçar e acentuar esses contrastes.

Com efeito, o turismo é parte da expressão das contradições sociais e espaciais resultantes do modo de produção capitalista; assim, não se trata de uma dimensão apartada da realidade, mas de uma parte de uma totalidade histórica em movimento (CRUZ, 2019). Desse modo, no que se refere às perspectivas de um setor mais sustentável e responsável, as intervenções reformistas previamente observadas no mundo, parecem apontar a urgência de

algumas mudanças nos processos do turismo, mas que certamente serão insuficientes para confrontar as injustiças e os abusos que a atividade encena (HIGGINS-DESBIOLLES, 2020).

Para discutir de maneira mais aplicada estes argumentos serão, na seção seguinte, apresentados dados relativos à dinâmica turística do estado de São Paulo entre os anos 2020 e 2021.

O TURISMO NO ESTADO DE SÃO PAULO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

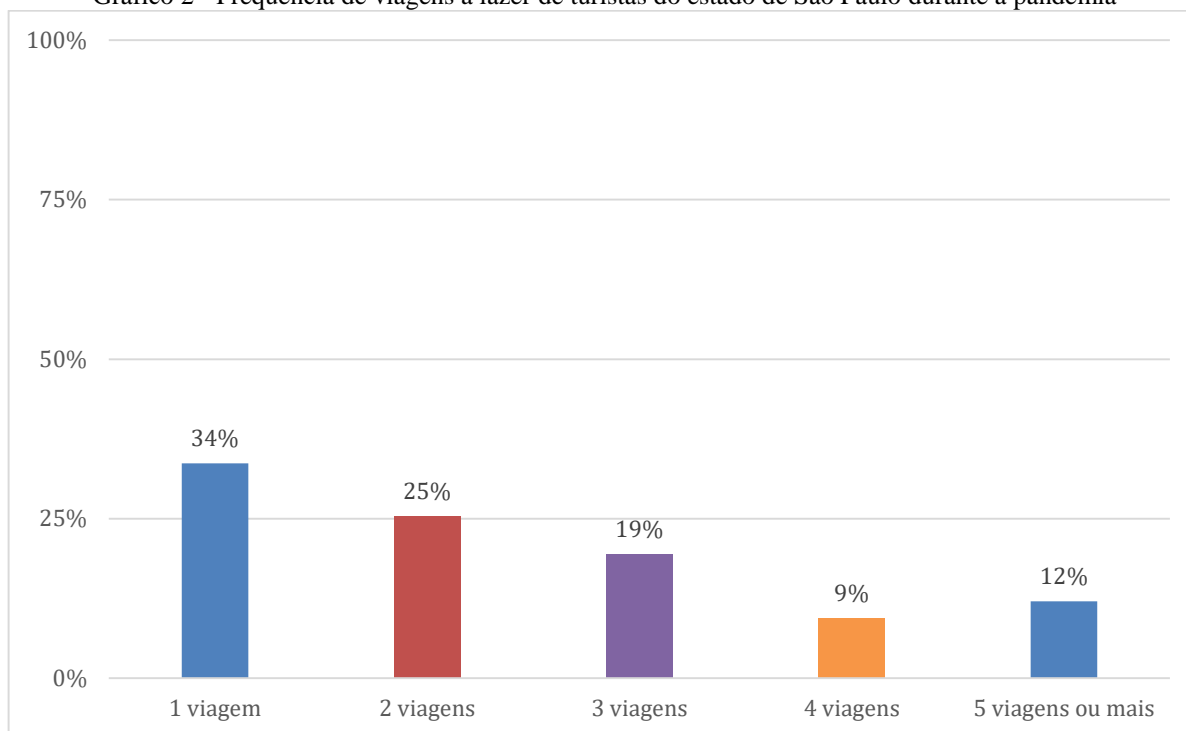
O grupo de pesquisa Turismo em Tempos de Pandemia recolheu dados de um universo de 740 respondentes do estado de São Paulo, em uma pesquisa com um nível de confiabilidade de 95% e margem de erro de 3,6%, o que nos permite compreender estatisticamente o comportamento do turista paulista durante a pandemia. Os dados foram coletados a partir de formulário eletrônico amplamente difundido virtualmente, de maneira a se atingir públicos em todas as unidades da federação.

O primeiro aspecto a ser destacado é o de que, mesmo durante o período pandêmico e em consequência de diversos níveis de restrições vigentes em nível estadual e nos municípios paulistas, mais da metade dos entrevistados (61%) relatou ter viajado a lazer, sendo que, entre estes, 65% o fizeram mais de uma vez (Gráfico 2). Interessante observar que, em pesquisa de recorte nacional e pré-pandemia realizada pelo IBGE, entre os domicílios cujos moradores disseram ter viajado a lazer, apenas 24% o fizeram mais de uma vez (IBGE, 2019). Mesmo com a ressalva de que o recorte para o estado de São Paulo acaba por eleger a maior parcela da demanda solvável para o turismo no país e, com isso, muito provavelmente uma maior quantidade de viagens, fato é que a pandemia parece não ter limitado substancialmente a prática de viagens a lazer.

Analisando o porquê, o como e quem tem viajado a lazer durante a pandemia, nota-se que mais do que uma possível nova forma de viajar, o que se tem é um indicativo de adaptação de velhas práticas conhecidas. De acordo com a pesquisa citada, entre os paulistas que viajaram a lazer durante a pandemia, 60% estavam trabalhando em formato remoto e 40% presencialmente. Isso pode significar a reprodução e o reforço de uma prática seletiva e excludente que é o turismo, pois, com a pandemia, mais seletivo ainda se torna o grupo que pode, por exemplo, trabalhar em *home office* e viajar ao mesmo tempo, configurando o *workation*³.

³ “Workation é uma rotina de trabalho que envolve estar em áreas de resort e trabalhar em espaços locais de co-working em esquemas semanais ou mensais. Tecnologias de comunicação, tais como telefone e email tornaram

Gráfico 2 - Frequência de viagens a lazer de turistas do estado de São Paulo durante a pandemia



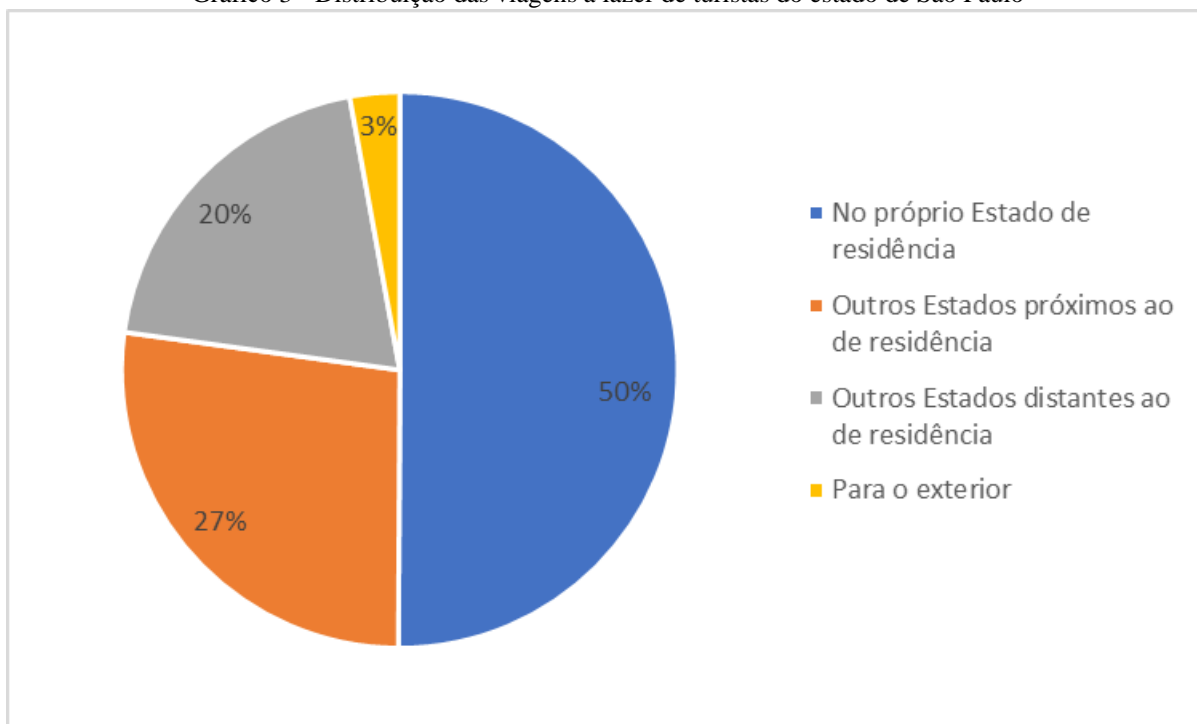
Fonte: Grupo de pesquisa Turismo em Tempos de Pandemia (2021).

Com as restrições de mobilidade impostas pela pandemia (sobretudo aos deslocamentos internacionais), o turismo doméstico, que sempre foi majoritariamente praticado pelos brasileiros, inelutavelmente é reforçado e possivelmente acaba por ganhar contornos ainda mais regionais. Durante a pandemia, conforme indica o Gráfico 3, 77% das viagens a lazer realizadas por paulistas ocorreram dentro do próprio estado ou para estados próximos ou limítrofes, fenômeno este que deve ser contextualizado por ser o estado de São Paulo, apesar de sua grande extensão territorial, um dos mais bem estruturados com rodovias de qualidade e aglomerações urbanas de alto poder aquisitivo. Estes elementos, de maneira geral, explicam uma demanda regionalizada para além de suas fronteiras – por exemplo, em direção ao Sul de Minas Gerais e ao Litoral Sul Fluminense.

O Gráfico 4 mostra que, em relação ao meio de transporte utilizado para viagens a lazer durante a pandemia, é reforçada a ocorrência desse turismo de caráter doméstico, regional e de proximidade: um total de 75% das viagens foram feitas por meios terrestres (carro próprio/alugado, vans/ônibus de turismo ou ônibus de linha regular). Chama a atenção, porém, o fato de que, mesmo com todas as restrições e redução de voos a partir do final de março de 2020, ainda assim 21% dos entrevistados relataram ter viajado de avião.

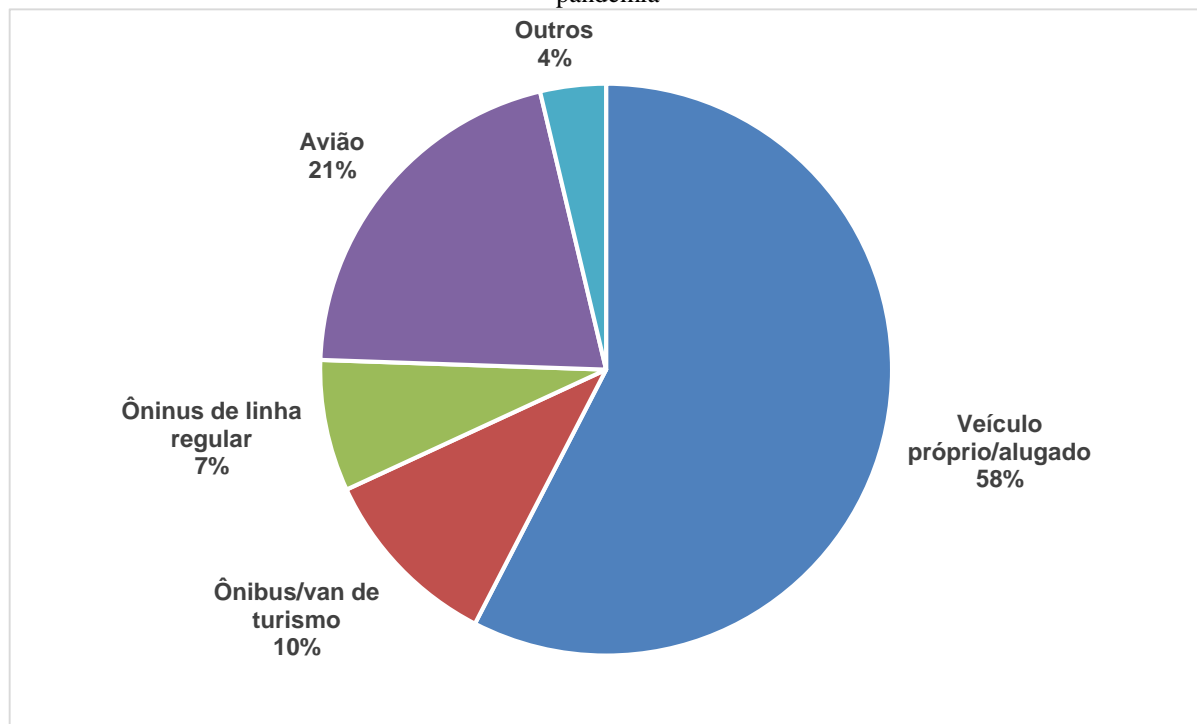
possível conectar-se como alguém de outro lugar, mas as fronteiras entre ‘conectar’ e ‘superpor’ estão gradualmente se desfazendo como resultado das mídias móveis” (MATSUSHITA, 2020, p. 105).

Gráfico 3 - Distribuição das viagens a lazer de turistas do estado de São Paulo



Fonte: Grupo de pesquisa Turismo em Tempos de Pandemia (2021).

Gráfico 4 - Meio de transporte utilizado por turistas do estado de São Paulo em viagens a lazer durante a pandemia

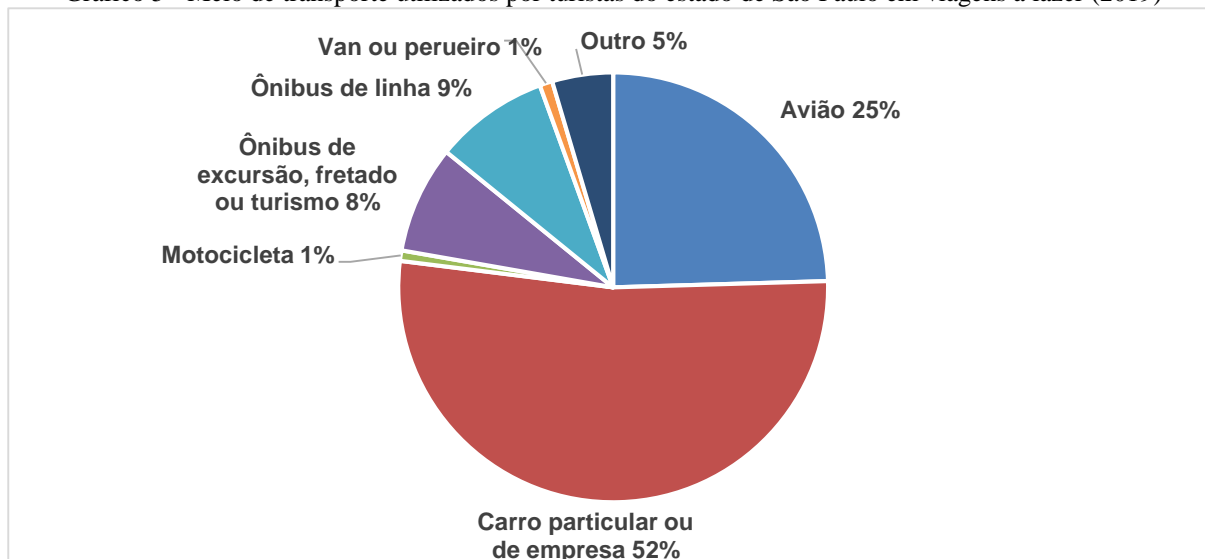


Fonte: Grupo de pesquisa Turismo em Tempos de Pandemia (2021).

Este não é um fenômeno novo, haja vista que, em pesquisa do IBGE (2019) realizada em período pré-pandemia, as viagens a lazer por veículo próprio ou alugado também eram

predominantes (Gráfico 5). De antemão, podemos dizer que os hábitos de viagem durante a pandemia, no mínimo, reproduzem *grosso modo* alguns padrões pré-pandêmicos, colocando em xeque a ideia de que, dadas as restrições e outras questões de momento, estariam em construção novos parâmetros de turismo entre paulistas.

Gráfico 5 - Meio de transporte utilizados por turistas do estado de São Paulo em viagens a lazer (2019)

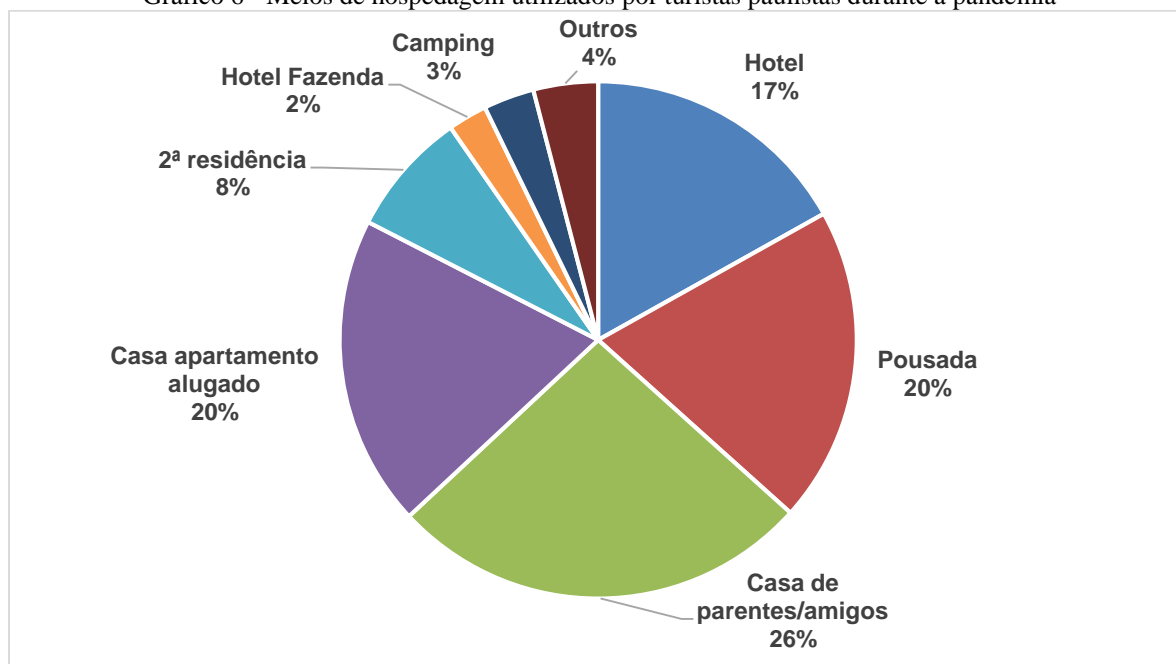


Fonte: IBGE – PNAD, 3º trimestre (2019).

Mesmo com as medidas restritivas para o setor hoteleiro impostas durante a pandemia, que variaram da suspensão das atividades até a restrição de 40% a 60% da capacidade ocupacional, hotéis e pousadas, juntos, somam 37% dos meios de hospedagem utilizados pelos entrevistados que viajaram a lazer durante a pandemia. Esse índice é notavelmente maior do que o constatado em pesquisa nacional realizada pelo IBGE para o ano de 2019, quando 30% se hospedaram em hotéis ou pousadas. Para aqueles que optaram por se hospedar em imóvel próprio ou casa de parentes e amigos, o percentual é alto (26%), mas menor do que o constatado em 2019, que foi de 43%. Por outro lado, a PNAD não levantou o uso de imóveis alugados em específico, algo que, agora, pode estar sendo acomodado por uma emergência forte de uso de imóveis através de plataformas de compartilhamento – por exemplo, AirBnB.

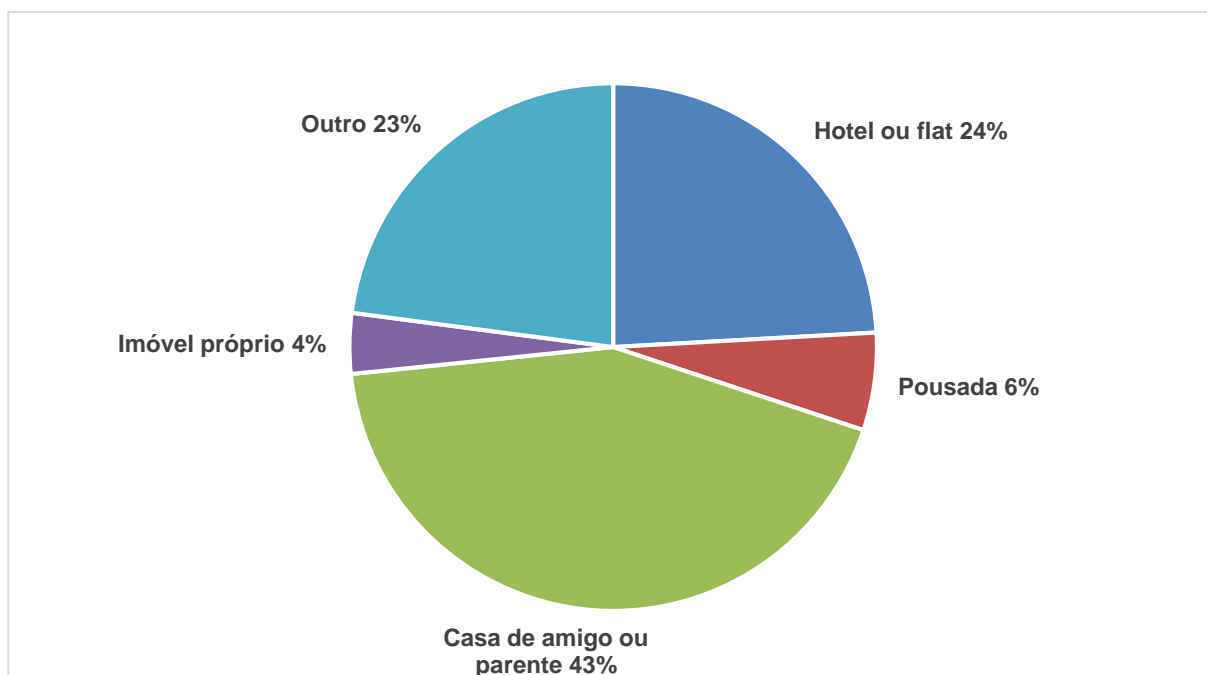
As categorias da pesquisa do IBGE (Gráfico 7) são ligeiramente diferentes, mas pode-se fazer algumas inferências relevantes. Por exemplo, imóvel próprio – que corresponderia a segunda residência – segue minoritário, ainda que seja o dobro (8% em 2021, contra 4% em 2019), algo que contradiz, em alguma medida, parte da narrativa em construção.

Gráfico 6 - Meios de hospedagem utilizados por turistas paulistas durante a pandemia



Fonte: Grupo de pesquisa Turismo em Tempos de Pandemia (2021).

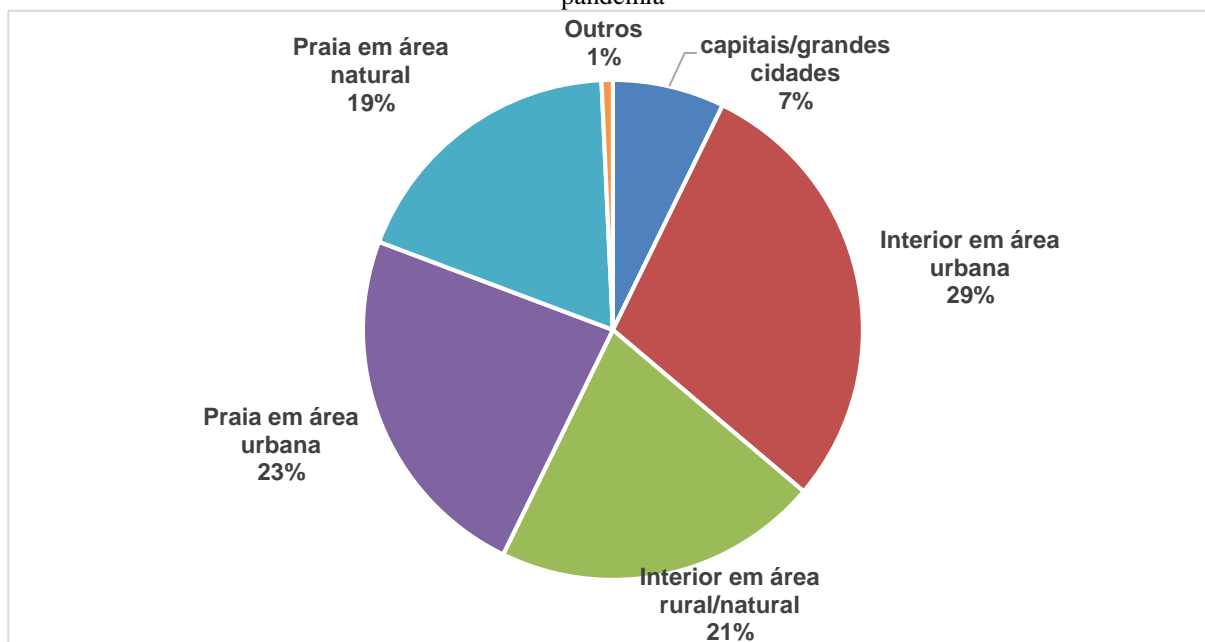
Gráfico 7 - Meio de hospedagem utilizado nas viagens a lazer de turistas do estado de São Paulo (2019)



Fonte: IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual, 3º trimestre (2019).

Por fim, a pesquisa evidencia que, entre os fatores que mais influenciaram para a tomada de decisão sobre se, como e para onde viajar, prevaleceram aspectos relacionados ao desejo de descanso, de sair da rotina e do ambiente doméstico, em contraposição, por exemplo, ao desejo de desfrutar de férias e conhecer lugares novos.

Gráfico 8 - Características do destino nas viagens a lazer de turistas do estado de São Paulo durante a pandemia



Fonte: Grupo de pesquisa Turismo em Tempos de Pandemia (2021).

Apesar de haver uma variedade de tipos de destinos indicados, nota-se clara tendência de busca por espaços diferentes das grandes cidades – ainda que eventualmente próximos delas (“interior em área urbana”). Assim, trazendo ao debate a (re)emergência das práticas de *staycation*⁴, por ora, parece que isso opera alguma influência junto aos turistas paulistas.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS PARA O MOMENTO

Este artigo apontou algumas convergências e divergências entre narrativas construídas pela mídia e as práticas operadas pelo turismo no estado de São Paulo – tendo por referência dados coletados durante a pandemia (2020/2021) e outros diretamente anterior a ela (2019). Pudemos perceber isso ao conhecer, especialmente pela imprensa geral, sobre o que seriam as características, pretensamente novas, de um “turismo de pandemia” em São Paulo, que foram cotejadas com as práticas turísticas antes e durante a pandemia.

Se por um lado, a literatura aponta para urgências e oportunidades de princípios mais sustentáveis para o turismo, notamos que algumas práticas turísticas durante a pandemia podem estar apenas contingenciadas diante de riscos e protocolos implementados momentaneamente. Por exemplo, o uso massivo do carro individual – entendido aqui como elemento de segurança

⁴ *Staycation* é um neologismo que se refere a um período durante o qual indivíduos ou famílias praticam atividades de lazer, incluindo viagens de um dia, com pernoite em suas próprias casas.

sanitária, dado seu uso privativo – parece afastar, pelo menos por ora, as preocupações com emissões de CO₂ associadas ao turismo. Mesmo o uso do avião, um dos maiores poluidores vinculados ao turismo, apresentou, no caso do turismo no estado de São Paulo, redução no saldo de movimentação de passageiros, apenas relativa a despeito dos riscos e/ou temores de contaminação que ambientes fechados podem gerar.

Desse modo, recuperamos a hipótese que move esse artigo, de que as práticas de “turismo pandêmico”, pelo menos no que se refere ao estado de São Paulo, são muito similares ao turismo em sua versão pré-pandêmica. Embora algumas características destoantes se sobressaíam como resultados dos acontecimentos decorridos entre 2020 e 2021 e a investigação dos fragmentos espaciais ofereça panoramas diversos, as reflexões até o momento revelam que muito permanece igual ou equivalente ao cenário anterior. Isso corrobora um tipo de cenário indicado pela farta literatura que se vem produzindo sobre turismo e pandemia: diferente de uma **transformação** profunda, podemos estar indo em direção a modelos de turismo apenas **revisados** em determinadas questões (que incluem, por algum tempo ou para sempre, a implementação e normalização de protocolos sanitários, por exemplo), sem que isso pressuponha uma nova estruturação da atividade.

É inquestionável que os caminhos para um turismo mais responsável e sustentável estejam dissociados das demais problemáticas sociais, econômicas e políticas de nosso tempo, já que se trata de questões intimamente conectadas. Mesmo que a necessidade de repensá-lo seja premente, essa questão se insere em um escopo mais amplo do que comumente se dissemina pela mídia, possivelmente envolverá aspectos mais complexos do que as mudanças propostas pela narrativa do chamado “turismo pandêmico”.

A socialização crítica do debate sobre o turismo pós-pandemia, bem como as medidas e ações correspondentes, precisa ser construída com base nas diferenças e particularidades dos grupos sociais envolvidos na construção do turismo. Ainda que não tenha sido o foco deste trabalho, é necessário se atentar, por exemplo, aos cuidados para com trabalhadores e comunidades receptoras do turismo, cujas vulnerabilidades em cenários instáveis, no que concerne à pandemia, podem produzir fraturas sociais ainda mais relevantes. Isso porque, se o contexto atual – ainda durante uma pandemia – aponta a normalização de operações turísticas, pode ser que determinados grupos sejam sobrecarregados, de maneira invisível, nos impactos da atividade em curto e longo prazos. Isso se aprofunda ainda quando se leva em conta a imobilidade de alguns setores sociais (trabalhadores e moradores) frente a outros mais móveis (turistas).

Essa capacidade de “entrar e sair” de territórios ou de operar distintas territorialidades é desigualmente distribuída entre os diferentes grupos que compõem os processos socioespaciais do turismo. Um turista, mediante investimento de tempo e dinheiro, busca atender a suas motivações turísticas em uma destinação diferente de seu local de residência, mas, em emergência, pode retornar para suas origens em busca de suporte médico, por exemplo.

Por sua vez, trabalhadores e comunidades estão, em alguma medida, mais atados aos territórios onde o turismo se concretiza, restando-lhes menores opções de mobilidade (pela limitação de acesso a recursos de toda ordem: financeiros, capital de rede, formação técnica etc.) em face de situações extremas (por exemplo, colapso de sistemas de saúde). Basta que novas “ondas” de contaminação (desta ou de futuras pandemias) se imponham para que a combinação de mobilidades-imobilidades se redesenhe, com grandes chances de que àqueles que têm menos capacidade de escolha – inclusive nas capacidades de se moverem – reste apenas resistir presos aos territórios, cuja intensidade nos usos turísticos oscila ao sabor das contingências, oportunidades e interesses.

O estado de São Paulo, como se sabe, ostenta índices de qualidade de infraestrutura, em média, bastante altos do que o restante do país – que vai desde disponibilidade de serviços médicos até ampla rede viária de excelência. Contudo, como se tem visto até aqui, os efeitos de uma pandemia não são exatamente democráticos, atingindo de maneiras distintas as classes sociais e, inclusive, também de formas diferentes, pessoas pertencentes a uma mesma classe.

Se esse raciocínio for levado a outras partes do país, a análise de riscos sociais associados ao turismo em contextos de pandemia deve ser ainda mais rigorosa. É conhecido que as regiões de maior atividade turística do Brasil, com altas concentrações de demanda (por exemplo, litoral dos estados da região Nordeste) não coincidem com as melhores infraestruturas que garantam bem-estar e segurança a seus próprios moradores. Como pensar em turismo pós-pandêmico diante dessas encruzilhadas?

Importante reconhecer que este estudo apresenta algumas limitações, especialmente no que concerne às categorias de análise da pesquisa PNAD e àquelas utilizadas na pesquisa de 2020-2021, trazidas ao debate. Assim, para efeitos comparativos, conviria, em trabalhos e levantamentos futuros, convergir variáveis de pesquisa, de maneira a se produzir melhor comparabilidade entre cenários pré e pós-pandêmicos, oportunizando, assim, análises mais detalhadas.

Também para efeitos de interpretação das vozes, intenções e interesses sobre o turismo em tempos pandêmicos, poderiam ser feitos estudos de mídia e comunicação mais abrangentes, buscando entender de maneira mais específica os comportamentos de grupos e indivíduos – por

exemplo, no emprego de redes sociais, algo que, ainda antes da pandemia, já era bastante presente no universo do turismo.

Por fim, reforçamos a pertinência metodológica de uma perspectiva de análise fundada em uma “geografia do movimento”, que reforça a centralidade do espaço geográfico no contexto atual e oferece uma importante chave interpretativa para se compreender as mobilidades turísticas em um mundo globalizado, marcado pela “explosão dos fluxos mundiais e nacionais” (SANTOS, 1996) de todo tipo. Longe de ser um fenômeno ensimesmado, o turismo em tempos de pandemia – e o que se seguirá a ela – ilustra de maneira contundente as idiossincrasias do capitalismo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ALLIS, T.; CRUZ, R.; BARRETI, D.; BEIL, I. Metropolização e mobilidades turísticas em/entre São Paulo e Baixada Santista em tempos de pandemia. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v. 39, p. 1-21, 2021.

ALLIS, T.; MORAES, C. M. S.; SHELLER, M. Revisitando as mobilidades turísticas. **Revista Turismo em Análise**, v. 31, n. 1, p. 271-295, 2020.

ANTUNES, R. O laboratório e a experimentação do trabalho na pandemia do capital. **Le Monde Diplomatique Brasil**, Julho de 2020. Disponível em <<https://diplomatique.org.br/o-laboratorio-e-a-experimentacao-do-trabalho-na-pandemia-do-capital/>>. Acesso em 21 de julho de 2021.

BBC. **OMS declara pandemia**. Março de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-51842518>>. Acesso em: 13 jul. 2021.

BRASIL. **Selo Turismo Responsável Segurança para o consumidor e incentivo para o turismo brasileiro**. 2020. Disponível em: <<https://www.turismo.gov.br/seloresponsavel/>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

BRASIL, MINISTÉRIO DO TURISMO. Aumenta o interesse de brasileiros em fazer turismo na própria cidade ou arredores. 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/aumenta-o-interesse-de-brasileiros-em-fazer-turismo-na-propria-cidade-ou-regiao>>. Acesso em 30 de julho de 2021.

CALLIARI, M.; JUNQUEIRA, H. **One Year of Covid-19: mais da metade dos brasileiros afirma que saúde mental piorou desde o início da pandemia**. IPSOS. Abril de 2021. Disponível em: <<https://www.ipsos.com/pt-br/one-year-covid-19-mais-da-metade-dos-brasileiros-afirma-que-saude-mental-piorou-desde-o-inicio-da>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

CARNEIRO, J.; ALLIS, T. Como se move o turismo durante a pandemia da COVID? **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 15, n. 1, p. 1-21, 2021.

COHEN, S. Como será possível viajar no pós-pandemia?. **G1**, Abril de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/blog/sandra-cohen/post/2020/04/27/como-sera-possivel-viajar-no-pos-pandemia.ghtml>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

COLES, T. Tourism mobilities: still a current issue in tourism? **Current Issues in Tourism**, 18, n. 1, p. 62-67, 2015.

CRUZ, R. **A economia política do turismo e a dialética do desenvolvimento desigual no Brasil**. Tese (Livre docência) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 2019.

CVC. **CVC Boutique: segmento focado nas viagens de luxo**. Dezembro de 2020. Disponível em: <<https://www.cvc.com.br/dicas-de-viagem/inspiracoes/cvc-boutique-viagens-de-luxo/>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

DINIZ, P. Brasil é o país onde o setor de luxo menor sofreu na pandemia. **Valor econômico**, Abril de 2021. Disponível em: <<https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2021/04/09/brasil-e-o-pais-onde-o-setor-de-luxo-menos-sofreu-na-pandemia.ghtml>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

EL PAÍS. **Turismo internacional caiu 97% em abril no mundo todo, segundo a OMT**. Junho de 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/economia/2020-06-22/turismo-internacional-caiu-97-em-abril-no-mundo-todo-segundo-a-omt.html>>. Acesso em 15 jul. 2021.

ESTADO DE SÃO PAULO. **Viagens pós-pandemia serão de carro, para destinos próximos**. Junho de 2020. Disponível em: <<https://viagem.estadao.com.br/noticias/geral,viagens-pos-pandemia-serao-de-carro-para-destinos-proximos,70003333077>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

GÖSSLING, S.; SCOTT, D.; HALL, M. Pandemics, tourism and global change: a rapid assessment of COVID-19. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 29, n. 1, p. 1-20, 2020.

HALL, C. M. On the mobility of tourism mobilities. **Current Issues in Tourism**, v. 18, n. 1, p. 7-10, 2015.

HANNAM, K.; BUTLER, G.; PARIS, C. Developments and Key Concepts in Tourism Mobilities. **Annals of Tourism Research**, v. 44, n. 1, p. 171-185, 2014.

HIGGINS-DESBIOLLES, F. Socialising tourism for social and ecological justice after COVID-19. **Tourism Geographies**, v. 22, n. 3, p. 610-623, 2020.

IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019**. 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html?edicao=28243&t=sobre>>. Acesso em: 18 jul. 2021.

IBGE/MTur. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Turismo 2019**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=28243&t=sobre>>. Acesso em: 18 jul. 2021.

IOANNIDES, D.; GYIMÓTHY, S. The COVID-19 crisis as an opportunity for escaping the unsustainable global tourism path. **Tourism Geographies**, v. 22, n. 3, p. 624-632, 2020.

JACOBO, J. Venice canals are clear enough to see fish as coronavirus halts tourism in the city. **ABC News**. Março de 2020. Disponível em: <<https://abcnews.go.com/International/venice-canals-clear-fish-coronavirus-halts-tourism-city/story?id=69662690>>. Acesso em: 18 jul. 2021.

MAIA, E. **Workcation, buyout, revenge travel?** Um glossário para não ficar perdido nas viagens pós-coronavírus. Janeiro de 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/boa-viagem/workcation-buyout-revenge-travel-um-glossario-para-nao-ficar-perdido-nas-viagens-pos-coronavirus-24841824>>. Acesso em: 18 jul. 2021.

MATSHITA, K. Workation and the Doubling of Time and Place. In: Tomita H. (eds) **The Second Offline. Advances in Information and Communication Research**, Singapore, v. 3, p. 105-120, 2021.

MIHALIC, T. Conceptualising overtourism: A sustainability approach. **Annals of Tourism Research**, v. 84, 2020.

MILANO, C. **Overtourism and Tourismphobia: Global trends and local contexts**. Barcelona: Ostelea School of Tourism & Hospitality, 2017.

MYLLYVIRTA, L.; DAHIYA, S. Analysis: India's CO2 emissions fall for first time in four decades amid coronavirus. **Carbon Brief**. Maio de 2020. Disponível em: <<https://www.carbonbrief.org/analysis-indias-co2-emissions-fall-for-first-time-in-four-decades-amid-coronavirus>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

ONU NEWS. **Restrições de viagem afetam 96% de todos os destinos mundiais**. Abril de 2020. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/04/1710682>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

RATHI, A.; HODGES, J. Empty cities and stalled industrial production, new analysis shows coronavirus has cut China's carbon emissions by 100 million metric tons. **Time**. Fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://time.com/5786634/coronavirus-carbon-emissions-china/>>. Acesso em: 24 jul. 2021.

ROUBICEK, M. Desigualdade de gênero e raça: o perfil da pobreza na crise. **Nexo Jornal**. Abril de 2021. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/04/25/Desigualdade-de-g%C3%AAnero-e-ra%C3%A7a-o-perfil-da-pobreza-na-crise>>. Acesso em: 24 jul. 2021.

RUBINSTEIN, P. Como a indústria do bem-estar está dominando o mercado do turismo. **BBC**. Março de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-cap-51594285>>. Acesso em: 18 jul. 2021.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **Brasil, território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

SÃO PAULO, Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo; Centro de Inteligência da Economia do Turismo. **Balanco econômico do turismo paulista 2020 e perspectivas para 2021/2022**. São Paulo, STESP/CIET, 2020a.

SÃO PAULO, Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo; Centro de Inteligência da Economia do Turismo. **Fluxos turísticos – perspectivas de retomada no pós-pandemia. Estado de São Paulo 2020**. São Paulo, STESP/CIET, 2020b.

SÃO PAULO, Observatório de Turismo e Eventos. **Relatório de impactos da pandemia de Covid 19 no turismo da cidade São Paulo**. São Paulo, 2021.

SHELLER, M.; URRY, J. **Tourism Mobilities: places to play, place in play**. Routledge, 2004.

SHIELDS, M.; NEBEHAY, S. OMS diz que viagens terão que recomeçar e faz apelo a países. **Agência Brasil**. Julho de 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-07/oms-diz-que-viagens-terao-que-recomecar-e-faz-apelo-paises>>. Acesso em: 18 jul. 2021.

SMART ENERGY INTERNATIONAL. **Italy: Emissions plummet following Coronavirus lockdown**. Março de 2020. Disponível em: <<https://www.smart-energy.com/industry-sectors/smart-energy/italy-emissions-plummet-following-coronavirus-lockdown/>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

UOL. **Ir para não voltar...tão cedo: pandemia aumenta a duração de estadias**. Dezembro de 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2020/12/21/pandemia-aumenta-a-duracao-das-estadias-em-diversas-tipos-de-hospedagem.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

VIEIRA, R. CVC Boutique: empresa investe em viagens de luxo. **Panrotas**. Novembro de 2020. Disponível em: <https://www.panrotas.com.br/mercado/operadoras/2020/11/cvc-butique-empresa-investe-em-viagens-de-luxo_178014.html>. Acesso em: 24 jul. 2021.